

## SISTEMA FEMININO: RESISTÊNCIAS FEMININAS NO RAP

Carolina Ofranti Sampaio<sup>1</sup>

### Resumo

Durante anos a mídia e a cultura insistiam em representações femininas que valorizavam a submissão das mulheres negras, em imagens de controle estereotipadas. Indo de encontro a estes retratos dissimulados, muitas mulheres começaram a assumir o papel de protagonistas e utilizaram de ferramentas culturais para expressar suas demandas e exercer suas resistências. Dessa forma, por meio da análise de conteúdo das letras do álbum de rap *Sistema Feminino*, este artigo busca estudar o rap como espaço de luta ideológica de gênero e utilizam um discurso de resistência em suas músicas, questionando as relações de poder e ressignificando os papéis sociais de gênero.

**Palavras-chave:** Movimento Hip Hop. Rap. Feminismo. Gênero.

## SISTEMA FEMININO: FEMALE RESISTANCE IN RAP

### Abstract

For years the media and culture insisted on female representations that valued the submission of black women, in stereotyped images of control. Going against these sneaky portraits, many women began to assume the role of protagonists and used cultural tools to express their demands and exercise their resistance. Thus, through the content analysis of the lyrics of the rap album *Sistema Feminino*, this article seeks to study rap as a space for ideological gender opposition and use a resistance discourse in their music, questioning power relations and reframing social roles of gender.

**Keywords:** Hip Hop Movement. Rap Music. Feminism. Gender.

## 1. INTRODUÇÃO

Ser oprimido é estar em uma posição injusta, na qual o acesso a recursos e direitos básicos sociais é limitado e organizado por um sistema opressor estrutural. Essa opressão pode se constituir por meio de argumentativos de raça, classe, gênero, sexualidade, etnia, nação e outras. Mas é na convergência destes argumentativos que o sistema dominante se mantém vigente por tempo suficiente para que grupos dominados permaneçam estruturalmente silenciados e excluídos das decisões sociais, políticas e econômicas.

Para Patrícia Collins (2019), a opressão das mulheres negras engloba três principais dimensões independentes. A primeira é a dimensão econômica da opressão com a exploração do

---

<sup>1</sup> Mestre em Comunicação e Territorialidades pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo, pela mesma instituição e especialização em Comunicação Empresarial pela Estácio de Sá. ORCID <http://orcid.org/0000-0001-7956-6143>. E-mail: carolinaofranti@gmail.com

trabalho dessas mulheres, um ponto fundamental para a perpetuação do capitalismo. Por serem exploradas em trabalhos mal remunerados que exigem uma carga emocional e física muito grande, para a maioria das mulheres negras, “sobreviver é tão desgastante que poucas tiveram oportunidade de realizar um trabalho intelectual nos moldes em que é tradicionalmente definido”. (COLLINS, 2019, p. 34). Esse desgaste físico e emocional, ao ser acrescido dos baixos salários, impede essas mulheres de investirem na própria educação e na dos filhos, assim como outras áreas de direito do cidadão que se tornaram privatizadas, como o lazer, e resulta numa constante dominação da vida periférica.

Já a dimensão política da opressão é resultado de uma negativa histórica às mulheres negras do direito de ser cidadã. “Proibir mulheres negras de votar, excluir dos cargos públicos e recusar tratamento equitativo no sistema de justiça criminal: tudo isso substancia a subordinação política das mulheres negras” (COLLINS, p. 34). Nesta perspectiva, a implantação de políticas governamentais que pensem a condição que muitas mulheres negras vivem é ignorada, por não existir substancial representatividade negra feminina nas bancadas parlamentares. Isso resulta na culpabilidade feminina da sua condição e de sua família, justificando um sistema de justiça sob uma ótica punitivista, na qual as famílias negras de baixa renda são encarceradas a fim de estancar uma problemática de nível estrutural.

Por fim, a dimensão ideológica da opressão se constitui através do que a autora chama de “imagens de controle”, que são as representações das mulheres negras que surgiram na escravidão e são reforçadas até hoje através da união da cultura do estupro e do racismo. Para Collins (2019, p. 35) ideologia é “um corpo de ideias que reflete os interesses de um grupo de pessoas”. Dessa maneira, quando a ideologia já está tão enraizada na cultura de uma determinada sociedade, como é no caso do sexismo e racismo na cultura brasileira, essa ideologia se torna hegemônica e naturalizada, atuando como justificativa para a opressão. É mantendo as mulheres negras como o Outro e criando representações preconceituosas que se fundamentam ideologicamente e perpetuam as opressões de raça, gênero e classe. Por mais que as dimensões das opressões política, econômica e ideológica atuem de forma intercambiável, iremos dar mais destaque à dimensão ideológica. Por se estabelecer através da cultura e do dia a dia, a opressão das mulheres negras através da ideologia cria um imaginário coletivo de como deve ser o comportamento dessas mulheres e, por estar no nível simbólico, também constrói possibilidades de resistência por meio da cultura, inclusive representado pelo objeto deste artigo.

Essa estrutura de dominação econômica, política e ideológica funciona como um importante sistema de controle que “suprime as ideias das intelectuais negras e protege os

interesses e as visões de mundo da elite masculina branca” (COLLINS, 2019, p. 35). Esse sistema de controle funciona de modo a minar as tentativas de resistência diminuindo as lutas das mulheres negras e sufocando-as com representações comumente estereotipadas de mulheres submissas, castradoras, serviçais, preguiçosas e culpadas pela pobreza do mundo.

Sueli Carneiro afirma, em seu texto sobre as contribuições do feminismo negro que compõe o livro *Pensamento Feminista Brasileiro* (2019), que os meios de comunicação não apenas repassam as representações consolidadas no imaginário social, como também “se instituem como agentes que operam, constroem e reconstruem no interior da sua lógica de produção os sistemas de representação” (p. 282). De posse dessa afirmação, é simples concluir que a comunicação ocupa um papel central na construção de imagens e sentidos sobre as mulheres. É através da repetição e da seleção de representações contraditórias que é construído um imaginário problemático sobre as mulheres. Collins (2019, p. 274) explica que essas contradições se tornam visíveis a partir das experiências de mulheres negras no dia a dia, no trabalho e na sua família quando comparadas às imagens controladoras da condição da mulher negra, fazendo com que elas se abram para a desmistificação. Ao se depararem com imagens de controle que não representam a sua vida cotidiana, as mulheres negras percebem uma dissonância entre aquilo que elas são e como são representadas. Essa incoerência pode desencadear algumas atitudes, dentre elas a impossível tentativa de se tornar o padrão de branquitude representado pela mídia ou a criação de espaços de resistência e descoberta de novas possibilidades de definição.

Dessa forma, a resistência das mulheres negras também se encontra na sua autodefinição, na fuga das representações midiáticas do que se entende por ser mulher e ser mulher negra e na transmissão desse conhecimento para outras mulheres. Para a pesquisadora Sueli Carneiro, as mulheres negras não apenas atuam para anular a lógica das representações preconceituosas como também para ocuparem espaços que as possibilitem criar novas, pois “a falta de poder dos grupos historicamente marginalizados para controlar e construir sua própria representação possibilita a crescente veiculação de estereótipos e distorções pelas mídias, eletrônicas ou impressas” (CARNEIRO, 2019, p. 283). Como a produção cultural está na mão dos dominantes, são eles os responsáveis pelas construções sociais no imaginário coletivo. Assim, a luta das mulheres negras é também para atuar dentro deste domínio hegemônico e criar novas representações.

Assim como a opressão não acontece em uma só via, o pensamento social de autodefinição para a criação de novas representações, compartilhado entre o grupo oprimido, também não acontece apenas através da intelectualidade tradicional acadêmica, mas também em formatos de literatura, interpretações, músicas e outros contornos. Um destes contornos é o movimento Hip

Hop, um movimento de resistência, ativo na cultura popular que permite aos jovens desenvolverem uma educação política e exercerem sua cidadania. Ele surgiu como forma de conscientização de um grupo pelos seus direitos sociais e apropriou-se das cidades, ruas e praças para que, segundo Rose (1997), reinterpretassem de modo simbólico a experiência da vida urbana através de seus elementos: dança, rap, grafite e estilo, marcando sua identidade na propriedade pública. Dessa forma, rap é a expressão discursiva de um movimento urbano, composto também por expressões visuais e corporais no qual jovens conseguem manifestar as suas demandas sociais, bem como promover denúncias e debates no âmbito político-cultural.

Assim, por meio da Análise de Conteúdo, este artigo analisa as letras de rap do álbum *Sistema Feminino*, do grupo Melanina MC's, a fim de perceber a elucidação de suas opressões e resistência às representações das mulheres negras presentes na mídia e na cultura brasileira. O grupo é composto exclusivamente por mulheres que são atravessadas por vivências comuns das mulheres negras periféricas. Dessa forma, as suas músicas expõem uma realidade relacional e por isso atuam de forma a romper com a construção de representações midiáticas. Neste caso, o rap aparece como uma ferramenta de construção de um imaginário cultural, que por meio do seu discurso promove novas configurações sociais.

Lançado em 2018, o disco demorou um pouco mais de um ano para ser produzido e conta com dez faixas que exaltam a mulher negra periférica na pluralidade da vida. Dessa forma, um corpus de elementos discursivos do grupo feminino de rap Melanina Mc's, composto pelas músicas do álbum em questão, foi constituído para análise.

A escolha da metodologia se relaciona com o modo como essas mulheres do Movimento Hip Hop expressam os seus pontos de vista. Numa combinante entre a análise dos áudios musicais junto com os textos discursivos da poesia, reconstruímos o contexto no qual as narrativas foram construídas, que muitas vezes dizem mais do que suas autoras imaginam. Dessa forma, “a validade da AC deve ser julgada não contra uma ‘leitura verdadeira’ do texto, mas em termos de sua fundamentação nos materiais pesquisados e sua congruência com a teoria do pesquisador, e a luz de seu objetivo de pesquisa.” (BAUER, 2002, p. 191). Ou seja, trazemos para a análise o campo discursivo do *Sistema Feminino*, assim como a semântica contextual do álbum de acordo com a teoria aqui antes exposta. A partir daí essa narrativa será encarada como uma representação de uma expressão coletiva das mulheres negras periféricas, sob a expressão do Melanina MC's, de modo a perceber o fenômeno como um todo, permitindo reconstruir valores, atitudes, opiniões, preconceitos e estereótipos de uma comunidade.

## 2. OPRESSÕES E SILENCIAMENTOS DA MULHER NEGRA

Uma das estratégias de dominação é a objetificação do grupo subordinado. Torná-lo objeto mina as tentativas de definição da própria realidade, da própria identidade, sendo estas estabelecidas por outros. É com esse objetivo que as mulheres negras e outros grupos minoritários são objetificados como o Outro e encarados como manipuláveis e passíveis de controle pelo sujeito. Dessa forma, não há a possibilidade de entendimento destes como indivíduo, sendo fadados a viver de acordo com as regras que os dominam. Na segunda música do álbum *Sistema Feminino*, “Crespo Áspero”, a rapper Geeh questiona a construção do Outro fora do padrão, o que coincide com a problematização da estratégia de objetificação da mulher negra de modo a silenciar a sua autodefinição:

“Crespo Áspero”  
É engraçado quando olham  
Me julgam  
Não veste a carapuça, mas da minha cara abusa  
Não sou padrão, auto avaliação  
Não é isso, causa divisão  
Vários anos na prisão

Essa objetificação dos corpos negros é histórica, com apropriações do corpo para produção e consumo de imagens de mulheres estereotipadas durante séculos. Como explica bell hooks, essa objetificação as reduz a produto, no qual “parte de seus corpos eram apresentadas como evidências que embasavam ideias racistas de que pessoas negras eram mais próximas dos animais do que os outros seres humanos” (HOOKS, 2019, p. 131). Essa ideia que a tornava um animal sempre foi uma das justificativas para a escravização. Por serem encaradas como mais fortes e capazes de parir diversas vezes sem nenhuma complicação, as mulheres escravizadas eram forçadas a procriarem e gerarem outros escravizados, assim como forçadas a horas e condições brutais de trabalho. Sempre sob a justificativa de serem animais, ou seja, aguentarem essa carga laboral sem dano ao seu ser, ou então sem se preocuparem com possíveis danos, já que uma outra justificativa ideológica e religiosa era a falta de alma nos negros, o que também acontecia com os animais, livrando os senhores de escravos de possíveis culpas por esse comportamento revoltante. Por mais que hoje essa ideia seja entendida como completamente equivocada, valendo de uma reparação histórica contra os escravizados que perpassa (ou deveria perpassar) políticas públicas, o racismo velado presente na nossa sociedade continua promovendo a objetificação dos corpos das mulheres negras. As colocando em posições de corpos sexualizados, assim como as escravizadas eram vistas como objetos de prazer pelos seus donos, ou então como serviçais que aguentam grandes cargas emocionais e físicas de um trabalho que tem como princípio a servidão.

É da objetificação da sexualidade desses corpos que nasce a imagem de controle conceituada por Patrícia Collins como *jezebel* ou *hootchie*. Neste cenário, a mulher negra “é construída como uma mulher cujo apetite sexual é, na melhor das hipóteses, inadequado e, na pior, insaciável, basta um pequeno passo para que ela seja imaginada como uma aberração”, (COLLINS, 2019, p. 159). Essa representação confere a responsabilidade do prazer sexual do homem às mulheres negras, reduzindo sua existência à servidão sexual. Porém, elevado a uma incansável busca por se satisfazer, essa imagem de controle também justifica a prostituição da mulher negra e até os maus tratos sofridos por essas mulheres (afinal, se existe nela uma abominável busca por prazer onde ela não se dá o devido valor, é justificável que homens a agridam). Além destas, a estigmatização do desejo sexual dessa imagem de controle gera outras problemáticas, como a comparação da sexualidade excessiva de homens negros, masculinizando a *jezebel* a torná-la ainda mais uma aberração, principalmente se o seu desejo estiver voltado para outras mulheres.

A objetificação do corpo das mulheres negras também acontece na imagem estereotipada da *mammy*. Esta imagem de controle representa a serviçal fiel e obediente a sua família branca. Segundo Patrícia Collins, essa representação surge como forma de “justificar a exploração econômica das escravas domésticas e mantida para explicar o confinamento das mulheres negras ao serviço doméstico” (COLLINS, 2019, p. 140). Ela é a “mãe preta” da família branca, que simboliza uma das percepções racistas do grupo dominante em relação ao ideal das mulheres negras. Ao se dedicarem e se empenharem aos cuidados da família branca em detrimento da sua própria família, esse estereótipo valoriza a submissão aceita pelas mulheres negras, conhecendo o “seu ‘lugar’ como serviçal obediente” (COLLINS, p. 140). Essa representação da mulher negra como submissa é fundamental para a intersecção entre as opressões de raça, gênero, sexualidade e classe, porque justifica a desvalorização do trabalho doméstico, ao mesmo tempo que anula sua sexualidade e influencia o comportamento materno dessas mulheres. Espera-se que essas mulheres dediquem a sua vida às famílias com as quais trabalham e negligenciem a sua própria, resultando em um comportamento matriarcal que a culpabiliza pela violência dos mais jovens e pobreza das próximas gerações. Além disso, a *mammy* traduz facilmente os valores exigidos aos negros em empregos mammificados, aqueles em que muito mais do que as qualidades técnicas exigidas no trabalho, estão escondidas as ideias de subordinação e serviços ao próximo, principalmente se este for branco, como mulheres negras trabalhando como enfermeiras ou professoras. Ao internalizar a submissão serviçal em diferentes postos de trabalho, isso pode converter em uma perpetuação de opressões dentro e fora de casa. Collins explica que “ao ensinar às crianças negras seu lugar nas estruturas brancas de poder, as mulheres negras que internalizam a imagem da *mãe preta*

podem se tornar canais efetivos de perpetuação da opressão de raça” (COLLINS, 2019, p. 141). Porém, essa afirmação não pode ser tomada como totalizante. Como veremos, uma das estratégias de resistência está no silêncio. Ao viverem uma dupla vida: aquela para as famílias brancas e outras em suas comunidades negras, mesmo quando o silêncio é presente dentro das estruturas brancas do trabalho, ao estarem em ambientes seguros as mulheres negras também se tornam canal de resistência, perpetuando as suas estratégias por meio das suas relações afetivas.

No que diz respeito ao controle do corpo e sexualidade, essa representação também corrobora com a hierarquização de gênero, uma vez que se espera que a *mammy*, como uma “boa mãe”, negue a sua sexualidade. Dessa forma, por ser representada como a “segunda mãe” ou a “mãe preta” das famílias brancas, ela é uma mulher assexuada, que abre mão da sua família, vida e experiências para que se comprometa exclusivamente com o trabalho.

## 2.1 CULPABILIDADE FEMININA

Além da figura da *jezebel* e da *mammy*, Patrícia Collins (2019) também desenvolveu os estereótipos da *matriarca*, da *dama negra* e também da *mãe dependente do Estado*. Enquanto as primeiras apresentavam características direcionadas ao servir, as últimas se unem na culpabilidade da mulher negra.

Como já discorrido, a *mammy* é a figura da mãe negra nas famílias brancas, que representa o servir, o cuidar e o amar; enquanto isso a *matriarca* é a mãe das famílias negras, representando o descuido, o desafeto e o desleixo. As duas representações são muito congruentes. Enquanto a *mammy* dedica todo o seu tempo ao trabalho, ao chegar em casa não consegue dar a atenção necessária aos filhos, contribuindo para a má formação escolar das crianças. Dessa forma ela se torna responsável pelo fracasso de sua própria família, se comparado obviamente aos padrões capitalistas de sucesso. Em um sentido um pouco mais amplo, a *matriarca* é uma imagem de controle que culpa a mulher negra pelo cenário social precário vivido por muitas famílias negras, com o pressuposto de que a pobreza é transmitida intergeracionalmente, com valores sendo transmitidos de pais para filhos. Sendo assim, como explica a autora Patrícia Collins, “a ideologia dominante sugere que as crianças negras não recebem a mesma atenção e o mesmo cuidado que supostamente são dedicados às crianças brancas de classe média. Essa pretensa falha cultural dificulta seriamente o progresso das crianças negras” (COLLINS, 2019, p. 147). Estrategicamente, essa ideia tira o peso das desigualdades políticas e econômicas presentes inevitavelmente no capitalismo perverso (Milton Santos, 2001), desconsiderando as opressões interseccionais vividas

e colocando esse peso sobre os ombros das mulheres negras. Assim, essa imagem de controle é usada para explicar a desvantagem econômica de quem é negro, subentendendo que, se a criação de uma criança for cercada de bons valores, qualquer pessoa é capaz de sair da pobreza.

A relação materna também é presente em uma das músicas do álbum *Sistema Feminino*, posto para análise. Na música “Cenários”, Lola, integrante do grupo que também é mãe, fala sobre essa preocupação e culpabilização materna em relação à criação dos filhos numa situação marginalizada:

“Cenários”

Vejo pivete entrando, mas não vejo saindo  
O crime é a fonte que abastece a alma dos menino  
Sem mais alternativas e por falta de opção  
A mãe que chora nunca teve espaço e educação

Em relação ao afeto sexual, como são representadas como excessivamente agressivas e não femininas “as matriarcas negras eram supostamente castradoras de seus amantes e maridos. Esses homens, compreensivelmente, abandonavam suas parceiras ou se recusavam a casar com as mães de suas filhas e filhos” (COLLINS, 2019, p. 145). No Brasil, cerca de 5,5 milhões de crianças não tem o registro paterno na sua certidão de nascimento, colocando sobre a mãe a responsabilidade de criação dos filhos, uma realidade em muitas famílias brasileiras. Isso revela o cenário real em que muitos pais abandonam os seus filhos, justificados pela imagem de controle discutida que culpabiliza as mães também pelo abandono paterno. Assim, ao serem representadas como castradoras, agressivas e não femininas, mais uma vez, as mulheres negras são retratadas como assexuadas.

É perceptível que o controle sexual das mulheres negras é um assunto constante, que atravessa todas as suas representações estereotipadas. Mas no caso da *mãe dependente do Estado* a ideia da esterilização feminina cumpre a função de solução para possíveis problemas de uma economia nacional. Esta imagem de controle defende que as mulheres negras se apoiam em auxílios financeiros governamentais e são negligentes em relação à criação dos filhos e, novamente, a responsabiliza pela pobreza do mundo por gestarem crianças supostamente desleixadas e espertas, que irão crescer para se tornarem criminosos. Assim, como sua fecundidade não é branca nem de classe média, ela é vista como extremamente perigosa. Ser negro é considerado um problema, e ter a possibilidade de gerar vidas negras é considerado um perigo. Essa lógica de anulação e controle de corpos negros também é uma vivência do grupo estudado e se torna presente na música “Pele Maciça”:

“Pele Maciça”

Minha pele preta, preta  
Minha raça é treta, aguenta

Não abafa e me entenda  
Somos solução  
Mas se quiser, problema  
Pro sistema, somos dilema  
Elimina ou bota preso  
Preta, problema, algema

Essa imagem de controle é uma versão atualizada da mulher procriadora durante a escravidão. Numa ideia de que as mulheres negras são mais adequadas para ter filhos do que as brancas, esse pensamento justificava a intromissão dos proprietários de escravos na sexualidade das mulheres negras a fim de que elas “procriassem”, já que cada criança escravizada que nascesse representava novos escravizados, mais força laboral e, caso fosse mulher, a possibilidade de mais escravizados. Quando as mulheres negras pobres ganharam poder político e passaram a conquistar direitos e benefícios sociais houve a necessidade de criar essa representação estereotipada de uma pessoa acomodada com os auxílios concedidos pelo governo. Segundo uma análise de Collins (2019, p. 152) a *mãe dependente do Estado* é uma *mammy* fracassada, aquela que foge do trabalho, tem filhos apenas para justificar seus benefícios e assim transmite valores negativos para as próximas gerações. Em analogia do conceito estadunidense para a realidade brasileira, essa imagem de controle retrata as mulheres criticadas por receberem auxílio do Bolsa Família, o principal programa de redistribuição de renda do Governo Federal.

Por fim, a *dama negra* é a imagem de controle destinada às profissionais de classe média. Criada após políticas de representatividade também nos ambientes corporativos, a *dama negra* muitas vezes é entendida como uma imagem positiva, afinal são mulheres que obtiveram sucesso profissional através dos estudos. Mas quando levada a problematização, percebe-se que a *dama negra* é carregada de ideias relacionadas às representações estereotipadas anteriores, como a abdicação de sua sexualidade a fim de se dedicar ao trabalho, a ideia de que essas mulheres serão devotas aos empregos como forma de “mammificar” suas ocupações, e acusadas de utilizarem de sua feminilidade para conquistar cargos de trabalho reservados para o homem negro, o que também resulta na ideia de castração masculina, derivando a solidão da *dama negra*.

A influência dos meios midiáticos como televisão, rádio, cinema, vídeos, música e internet só aumenta as maneiras de propagar as imagens de controle, por mostrarem representações que corroboram com essa ideologia racista e sexista. Eles atuam de modo a forçar uma identificação do sujeito com o seu representativo midiático, criando idealizações e modelos a serem seguidos. No ensaio de Anne Friedberg, *A Denial of Difference: Theories of Cinematic Identification* (apud HOOKS, 2019, p. 230), ela reforça que a “identificação é um processo que exige que o sujeito seja substituído por outro; é um procedimento que rompe a separação entre o *self* e o outro”, dessa forma existir dentro de uma supremacia branca é no mínimo complexo, pois colocar as mulheres

negras como espectadoras das representações femininas brancas faz com que surja contradição na identificação. Para refutar essa ideia, bell hooks acredita que se enxergar criticamente dentro dessas representações é “um processo por meio do qual enxergamos nossa história como contramemória, usando-a como forma de conhecer o presente e inventar o futuro” (HOOKS, 2019, p. 240). Assim, é possível a criação de estratégias de resistência a partir de uma autodefinição independente e seu compartilhamento.

### 3. ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA

Assim como fugimos da unidade na categorização de mulher, negros e de mulheres negras, também não há uma uniformidade sobre um modo de resistir às opressões. Uma delas é a cultura popular de resistência que une diversas formas de luta em expressões culturais, como a música, o teatro, o grafite, entre outros formatos. No que diz respeito à relação entre a música e a resistência das mulheres negras, por mais que seja um ambiente muitas vezes hostil às mulheres, essa expressão cultural as estimula a falar por um coletivo, a terem voz e compartilharem situações comuns entre elas. Angela Davis sugere, inclusive, que a classe dominante não compreendeu o papel central de união e partilha política expressa pela música, dessa forma, “as pessoas negras foram capazes de criar uma comunidade estética de resistência com sua música, o que por sua vez encorajou e nutriu uma comunidade política de luta ativa por liberdade” (DAVIS, 2019, p. 167). Esse potencial político da música está presente em todo o álbum analisado, de diversas formas e abordagens, mas a quarta música do álbum apresenta também uma diretriz para atingir essa resistência política cultural:

“Cenários”  
Então pare e repense  
Seja consciente, conflito dispense  
O equilíbrio do corpo com a mente  
Como se sente, sendo uma sobrevivente  
Afetada pela maldade  
E se passar de conivente  
Comovente!  
Enquanto uns vai as outras vêm  
A marcha, em busca da paz  
A meta é fazer o bem  
E não se apaga o fogo, com fogo na mão  
Protesto inteligente  
Vamos na desconstrução  
Um pela paz  
Dez porque eu mereço mais  
Mais respeito nessa casa  
Nós somos todos iguais  
Abaixa o tom, aumenta o som  
Som de preta nessas caixa

Pra esse clima ficar bom

Dessa forma, o blues, jazz, rhythm and blues, rap, e outros ritmos fazem parte de uma luta política através da estética musical, utilizando do discurso, expresso nas suas letras, e da oralidade, expresso na cultura da expressão, a fim de transmitir valores e elucidar opressões naturalizadas, como as músicas analisadas. Porém, apesar de apresentarem uma frente de luta feminista a partir da arte, a ideia de uma arte feminista, uniforme, pode trazer consigo o pressuposto de que essa estética artística seria comum entre todas as mulheres artistas, podendo silenciar as mulheres não-brancas e homossexuais e reforçar as ideias de feminilidade que o feminismo tanto busca derrubar. Em uma análise feita por Amelia Jones, historiadora, crítica e teórica da arte, sobre uma instalação artística que homenageava as mulheres na arte citando seus nomes em uma mesa de jantar, ela alertou que as mulheres brancas “tendem a ignorar a raça como componente de feminilidade da mesma forma que os galeristas justificam a ausência de mulheres nas exposições alegando que o que importa é a qualidade” (apud MAYAYO, 2007, p. 78). Tal crítica é extremamente pertinente para sairmos do lugar comum de lutar pelo reconhecimento de uma arte produzida por uma mulher, sem se questionar também sobre os outros eixos de dominação-exploração nos quais essa mulher está inserida. A mulher branca e o homem negro estão em posições contraditórias de dominado e explorador, por isso “é preciso se perguntar se esse movimento artístico feminista não é apenas uma tentativa de tirar o domínio masculino e repassá-lo para o domínio de mulheres brancas” (MAYAYO, 2007, p. 78). Por isso, uma arte feminina produzida por mulheres negras tem tanta força e potência, porque ela dá voz a uma demanda coletiva historicamente silenciada, subvertendo toda a lógica de produção cultural que está na mão de homens brancos, ou então mulheres brancas.

De posse de tal informação, é possível afirmar o quão problemático é agrupar as artistas mulheres em uma única categoria do seu fazer artístico (seja ele literário, musical, cênico ou outro). Isto porque a arte de uma mulher não tem influências apenas sobre a sua realidade feminina, mas também as opressões e privilégios que esta vive. Segundo a historiadora da arte Claire Raymond (2017, p. 40), diferente das premissas pré-concebidas de uma estética unificadora, a estética feminista pode estar presente em diferentes estilos artísticos, sendo ela uma resposta a um conjunto muito específico de circunstâncias culturais e históricas. Para a autora, o acontecimento estético ocorre na interação com o público, no reconhecimento. Isso acontece porque a arte é motivada por traços da história e da cultura, sendo assim a arte feminista é um conjunto de símbolos culturais que conectam as mulheres cujas histórias de opressão se assemelham em alguns aspectos. Dessa forma, a intenção de uma artista cuja estética é feminista só é totalmente compreendida depois de entregue ao público, “isto é, às pessoas que sejam ao mesmo tempo conhecedoras e desconhecedoras do lugar de origem da artista” (RAYMOND, 2017, p. 41), mas que se

reconhecem neste lugar. Dessa forma, quando uma mulher negra periférica produz conhecimento, ela abre espaço para uma outra mulher negra periférica ocupar e ser escutada por meio da representatividade. Assim, quando a voz das mulheres negras reflete uma demanda emancipatória por respeito, pessoas que compartilham suas vivências se identificarão com o discurso e enxergarão a possibilidade de resistência, e aquelas que não compartilham tomam conhecimento de uma realidade, mesmo que distante.

A música “Pele Maciça”, sétima do álbum em análise, exprime a opressão vivida por uma mulher negra periférica dando voz a um coletivo e se indigna com a falta de incômodo daqueles que não compartilham esta mesma vivência, aqueles que de frente a uma realidade oprimida não se incomodam:

“Pele Maciça”  
Clamo perante a barbárie humana  
Violência contra mulher, exploração que engana  
Medida protetiva  
Fecha o bico e não reclama  
Enfatizo a importância  
Da poeta que te assombra  
Maciça é minha pele preta  
Que você não ama  
Ação é predatória  
Como não te incomoda?

Por mais contraditório que seja em relação às mulheres e sua presença como protagonistas no Hip Hop, Collins (2019, p. 54) acredita que o Movimento serve como um novo espaço de produção intelectual das mulheres negras: “há muito mais mulheres negras ouvindo Queen Latifah e Salt-N-Pepa do que lendo a literatura de Alice Walker e Toni Morrison”. As mulheres do Melanina MC’s com o revolucionário álbum *Sistema Feminino* atuam dessa forma, produzindo conhecimento e conscientizando outras mulheres que vivem na mesma realidade.

### 3.1 AUTODEFINIÇÕES: AMANDO A NEGRITUDE

Amar a negritude é um ato político. Em um contexto suprematista branco, a negritude é encarada como suspeita, é perigosa e ameaçadora, com essa ideia sendo reforçada inúmeras vezes ao dia através dos meios de comunicação e suas representações estereotipadas. Por isso se auto definir e amar a sua negritude é um ato de resistência. Mesmo que todas as músicas do álbum analisado valorizem a vivência da mulher negra periférica, duas músicas em específico expressam o amor e a importância de amar a negritude: “Crespo Áspero” e “Pele Maciça”.

“Crespo Áspero”

Orgulho de ser preta, empretecendo minha arte  
Afrontosa negra vejo vindo de turbante  
Lábios espessos, traço exuberante

O ideal da autodefinição está presente em todo o álbum, seguindo um pensamento também defendido por bell hooks de que a lógica da supremacia branca seria minada se todos amassem e se identificassem com a sua negritude. Isso porque, em vez de usar táticas de dominação e colonização, a supremacia branca seduz ao prometer o sucesso dos dominantes àqueles que negam a sua negritude e a encaram apenas como uma vitimização. Como por exemplo as mulheres que utilizam inúmeros produtos químicos para alisar o cabelo para ter uma postura mais “profissional” no emprego. Infelizmente isso é visível e real: à medida que negros personificam e incorporam estereótipos racistas e valorizam a branquitude em seus comportamentos, observamos uma maior aceitação.

Enquanto as pessoas negras forem ensinadas a rejeitar nossa negritude, nossa história e nossa cultura como única maneira de alcançar qualquer grau de autossuficiência econômica, ou ser privilegiado materialmente, então sempre haverá uma crise na identidade negra. O racismo internalizado continuará a erodir a luta coletiva por autodefinição. Massas de crianças negras vão continuar a sofrer de baixa autoestima. E, ainda que sejam motivados a se empenhar ainda mais para alcançar o sucesso, porque desejam superar os sentimentos de inadequação e falta, esses sucessos serão minados pela persistência da baixa autoestima (HOOKS, 2019, p. 60)

O que podemos perceber pelo trecho exposto é que há um ciclo vicioso nessa valorização da branquitude em relação à opressão da negritude. Enquanto mulheres negras rejeitam as suas características a fim de obter algum benefício social ou econômico da supremacia branca, a identidade negra é posta de lado nesse debate, não havendo espaço para o enaltecimento da negritude. Mas é preciso muita cautela nesse discurso para não colocar sobre as mulheres negras a culpa pelo sistema racista que privilegia as aspirações pela branquitude. Não é uma situação causal, onde enquanto as mulheres negras não amarem a sua negritude haverá racismo. É uma situação no âmbito coletivo, no qual a autodefinição é considerada como essencial nesse processo de reconhecimento.

Por isso, o primeiro passo para entender quem somos está na compreensão das forças que nos oprimem e nos ensinam a nos odiarmos. Isso possibilita aprender novas formas de se definir, para além das representações midiáticas, criando condições para resistir às forças de dominação e à naturalização destas. Para Collins, assim como Bell Hooks, e também apresentado no *Sistema Feminino*, criar autodefinições independentes é essencial para resistir às opressões. E é exatamente por isso que amar a negritude é um ato de resistência, como expressa Geeh:

“Crespo Áspero”  
Cabelo é muito mais  
Referência de anos atrás  
Espero ver desenvolver

Dando fruto à vida vendo a raiz crescer  
Minha autoestima

Esse movimento de amor pela negritude começou a se fortalecer nos últimos anos pela geração tombamento. Cansados da invisibilidade e repressão de sua estética e características físicas, jovens negras e negros passaram a ignorar as representações midiáticas do que é o padrão e criaram suas próprias autodefinições, o que posteriormente forçou as esferas midiáticas de maior alcance a absorverem essas representações:

As tranças, comuns entre as matriarcas negras, ficaram coloridas. Os turbantes, que as avós e mães usavam na casa da “patroa”, ganharam cores e estampas para sair na balada. O cabelo, que foi um problema na infância, hoje é visto como solução. A geração tombamento é um mix de afirmação da sua ancestralidade com (re)criação de uma possibilidade histórica. [...] Por meio da estética e da cultura transformaram seus corpos, até então marginalizados e criminalizados por um sistema excludente, em ativismo e política, reafirmando sua negritude. (RIBEIRO, 2018, p. 273)

Lenços coloridos, turbantes, tranças e cortes masculinos riscados são algumas das características valorizadas na identidade negra pela geração tombamento. Se apropriar de elementos de opressão e os ressignificar, reterritorializando-os, é um dos processos de autodefinições que valorizam a negritude por essa nova geração. O que fez surgir um novo debate em relação às apropriações culturais, num cenário em que pessoas brancas utilizam esses elementos como forma de construção de estilo, deixando de lado toda a carga de resistência que neles existem.

Diferente do que se pensa, a identidade não é estabelecida a partir da individualização e separação dos outros, mas sim encontrada no contexto coletivo. Por isso, ao se definir não em oposição, mas sim em partilha, “a conectividade entre indivíduos permite que as mulheres negras possam ter autodefinições mais profundas e mais significativas” (COLLINS, 2019, p. 294). Nesse contexto, a identidade coletiva não é só o objetivo, mas o ponto de partida em direção à autodefinição, que perpassa a tomada de consciência sobre as opressões de raça, gênero, sexualidade e classe que se interseccionam e moldam as representações. É essa consciência, essa tomada de decisão em direção à autodenificação que tem um potencial político imenso na quinta música do álbum:

“Meu Jeito”  
Me livra desse peso de ter que me limitar  
Só por um julgamento que eu não quero escutar  
Sou livre e quero a vida  
Mover meu sonho em cantos de uma poesia

Dessa forma, a vida cotidiana é encarada como um processo, passível de mudança e rompimento de representações estereotipadas que moldam determinados padrões a serem seguidos, sendo transformados em autodefinições. Assim, quando essas novas identidades

construídas a partir do sujeito são conectadas a um grupo, essas lutas por consciência ajudam a transformar individualmente outras mulheres, onde compartilhar a habilidade de se definir ajuda a mudar a realidade da outra.

### 3.2 RELAÇÕES AFETIVAS

Durante a escravidão, ao negar às mulheres negras a humanidade, o reconhecimento social da maternidade também foi negado. Não existia a vida privada das escravizadas, então suas crianças eram criadas através dos cuidados comunitários, unindo as mulheres como grupo a fim de cuidar das crianças umas das outras. Mesmo que este violento período tenha passado, as heranças da escravidão ainda assombram, e essa ideia de cuidado por meio do grupo se perpetuou também nas comunidades periféricas onde não há vagas suficientes nas creches públicas e as mães têm que se organizar para cuidar das crianças. É por meio dessa troca maternal que os valores de grupo são incumbidos aos mais jovens, o que pode ter uma perspectiva positiva, quando estas compartilham as estratégias de resistência, como também pode ter um olhar negativo, quando as mulheres internalizam a necessidade de servir para sobreviver, isso também é passado para a próxima geração, ensinando as crianças sobre os “seus lugares”. Mas, como já falamos aqui, esse conformismo não pode ser enganado por subordinação: numa realidade perpétua de opressões, é feito aquilo que se faz para sobreviver. Por isso, ao ensinar às crianças o poder da autodefinição apesar das opressões, as mães comunitárias constroem e disponibilizam uma importante ferramenta de resistência. É por isso que as relações afetivas são fundamentais entre as mulheres negras, pela transmissão de conhecimentos essenciais para a sobrevivência coletiva.

Esse amor materno, biológico ou não, cria fundação para outros poderes relacionados ao afeto, como a irmandade e sororidade. Por ser amor praticado “de frente para o espelho”, esses relacionamentos auxiliam no exercício da autodefinição e ampliação do amor próprio. Enquanto ama sua irmã, percebe-se as opressões compartilhadas, resultando numa valorização da história coletiva que leva à criação da sua própria identidade. Por isso que o amor ao espelho e as relações afetivas entre as mulheres negras é importante no feminismo negro, pois ele inspira as mulheres a se autodefinirem e também dedicarem a esferas da produção intelectual, auxiliando outras mulheres a encontrarem suas identidades a partir do questionamento das opressões vividas, se tornando inspirações para outras, como no caso das meninas do Melanina MC’s e também exposto na segunda música do álbum por Afari:

“Crespo Áspero”  
Não sou padrão, auto avaliação  
Não é isso, causa divisão

Vários anos na prisão  
Hoje sômo espelho  
Alvo de inspiração

Com isso, podemos afirmar que atingir a autodefinição não acontece no isolamento e sim nas relações, porque “ao compartilhar as contradições em nossas vidas, ajudamos umas às outras a aprender como lidar com as contradições como parte do processo de se tornar uma pensadora crítica.” (HOOKS, 2019, p. 121). Não é a partir da consciência individual que se cria sua definição identitária, mas sim no entendimento do problema racial de gênero como estrutural que é possível perceber as problemáticas das representações e assim consolidar uma consciência autodefinidora.

Como explica Hooks:

A pedagogia crítica do compartilhamento de informações e o conhecimento entre mulheres negras são cruciais para o desenvolvimento da subjetividade radical da mulher negra. Não que as mulheres negras só possam aprender umas com as outras, mas porque as circunstâncias do racismo, do sexismo e da exploração de classe garantem que outros grupos não necessariamente se interessem por incentivar nossa autodefinição (HOOKS, 2019, p. 121).

Dessa forma, a partir do descaso opressor e da partilha entre espelhos é possível desenvolver a subjetividade da autodefinição. Ao entender que a promoção do ódio e a distorção dos sentimentos que os seres humanos nutrem uns pelos outros é a forma pela qual os sistemas de opressões se perpetuam, há novas possibilidades de mudança. Por isso, “transmitindo coletivamente nossos conhecimentos, nossos recursos, nossas habilidades e nossa sabedoria de uma para a outra, criamos um novo local onde a subjetividade negra radical pode ser nutrida e sustentada” (HOOKS, 2019, p. 127). Sendo assim, para Bell Hooks, as estratégias de resistência só podem ser desenvolvidas através de mentes descolonizadas, que desenvolvam uma consciência crítica e consigam perceber a interseção das opressões a fim de minar a resistência única.

Os saberes da resistência foram e são construídos, reformados, transmitidos e repassados através das relações das mulheres negras umas com as outras, seja através do relacionamento materno, do cuidado compartilhado, da intelectualidade presente na música ou na literatura, ou então no conhecimento das experiências das grandes ativistas. Por meio dessas estratégias partilhadas foi possível a problematização e a constituição de novas ideias sobre a condição da mulher negra, criando a possibilidade da produção de imagens independentes das representações dominantes. Quando essa produção encontra o coletivo, ela cria espaços seguros que alimentam as autodefinições e formam novos significados da vida cotidiana, das suas realidades, essenciais para resistir às opressões interseccionais vividas pelas mulheres negras. A partir dessa partilha, do compartilhamento, a força da mulher negra se revigora, como expresso em uma das músicas que aborda a valorização da negritude de forma mais explícita:

“Pele Maciça”

Batizaram mulher  
Preta sou, som de Angola  
Herança dos antepassados  
Que hoje revigora  
Plante a semente  
Colha o bem e sem demora  
Reciclagem da mente é pensar fora da gaiola

Por isso, a pensadora, pesquisadora e poeta Audre Lorde defende que o foco da resistência e da mudança não está nas situações opressivas sofridas, mas sim no pedaço do opressor que está plantado em todos. Ela afirma:

Mudar significa crescer, e crescer pode ser doloroso. Mas aperfeiçoamos nossa identidade expondo o eu no trabalho e na luta ao lado daqueles que definimos como diferentes de nós, embora compartilhando os mesmos objetivos. Tanto para mulheres negras quanto para brancas, velhas e jovens, lésbicas e heterossexuais, isso pode significar novos caminhos para a nossa sobrevivência (LORDE, 2019, p. 248).

A empatia e respeito começam pela nutrição de uma autoestima alimentada pela autodefinição. Dessa forma, amar a si mesmo, amar ao espelho, amar a negritude é encorajar a resistência.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A luta das mulheres resiste a várias matrizes de dominação, na qual cada mulher sofre opressões diferentes, interseccionais e organizadas por domínios inter-relacionados. A pensadora do feminismo negro Patricia Collins define esses domínios em quatro principais poderes: o estrutural, o disciplinar, o hegemônico e o interpessoal. Para a autora, o domínio estrutural é aquele que “organiza a opressão, enquanto o disciplinar a administra. O domínio hegemônico justifica a opressão, e o interpessoal influencia a experiência cotidiana e a consciência individual dela decorrente” (COLLINS, 2019, p. 437). Dessa forma, controlando as tentativas de resistência em vários níveis, cada domínio exerce um poder específico e relacional nos corpos e mentes das mulheres, e de modo a concluir este trabalho, irei brevemente resumi-los.

As instituições são organizadas para reproduzir a subordinação das mulheres negras. É assim que o domínio estrutural exerce poder. Por ser sistêmico, não é possível transformá-lo de maneira simples, mas quando transformado é preciso lembrar que é resultado de ações duradouras de poder e resistência, através de pequenas e grandes revoluções. Segundo Collins, a estratégia é resistir dentro das instituições, ocupando “posições de autoridades para se utilizar de recursos burocráticos para fins humanistas” (2019, p. 445).

Como forma de justificar as práticas estruturais e disciplinares, está o domínio hegemônico, ou ideológico. Este poder se utiliza da cultura para atuar na intersecção das opressões, reforçando as ideologias hegemônicas relativas à raça, classe, gênero e sexualidade de maneira amplificada através dos meios tradicionais de comunicação. Como já dito por Bell Hooks (2019, p. 50), a partir do momento em que o racismo e o sexismo são desacreditados, essas opressões perdem o impacto. O poder hegemônico atua de forma a absorver a resistência a fim de desacreditá-la, se utilizando de estéticas da cultura popular e algumas políticas de diversidade a fim de atingir também os grupos oprimidos dissimulando suas representações. Por isso, o domínio hegemônico atua reforçando e remodelando continuamente as imagens de controle dos grupos subordinados.

É na resistência a esse domínio que as mulheres do Melanina MC's atuam, na promoção de uma narrativa contra-hegemônica que desenvolve conhecimento a fim de transformar a consciência das mulheres para a autodefinição, entendendo a consciência como uma entidade em constante evolução e negociação. Dessa forma, através do álbum analisado, o Melanina MC's transmite um pensamento libertário por meio da produção intelectual discursiva existente no rap. Por ser um discurso partilhado e de caráter biográfico, as rappers representam um coletivo, formando um contexto cultural marcado pelas experiências e ideias de um grupo. Por mais que a opressão seja repleta de contradições, inclusive propositais, e cada indivíduo experimente diferentes níveis de privilégios e domínios, ao se portar como grupo é preciso não excluir e silenciar outros grupos minoritários. Que é o que acontece quando analisamos o Movimento Hip Hop e o silenciamento das mulheres. Por ser uma cultura de rua, muitas mulheres acabam ocupando espaços de espectadoras. Dessa forma, o Movimento passa a ser predominantemente masculinizado, se tornando hostil às mulheres, as quais são alvo de misoginia quando assumem a posição de protagonistas, como as grafiteiras, rappers e dançarinas. Quando o grupo aqui analisado, além de ser composto exclusivamente por mulheres, também transmite uma mensagem feminista, elas atuam quebrando esse silenciamento e incorporando diferentes formas de resistência no seu discurso, como a resistência às opressões de raça, gênero, classe e sexo, agindo no enfrentamento ao domínio hegemônico.

Enquanto o domínio estrutural organiza, o disciplinar administra e o hegemônico justifica, o domínio interpessoal funciona no cotidiano, nas práticas comuns do dia a dia que normalmente passam despercebidas. Assim, sua estratégia de resistência se encontra no compartilhamento interpessoal das opressões e resistências, que acontece também nas relações afetivas. Ao dar ênfase às autodefinições, as letras do álbum *Sistema Feminino* atuam de modo a criar novas representações que fujam da objetificação e exploração dos corpos das mulheres. Valorizando sua

história e as relações afetivas e desenvolvendo novos conhecimentos que vão de encontro aos modelos de dominação. “Tal pensamento reconhece que o mundo é um lugar dinâmico, no qual o objetivo não é apenas sobreviver, ajustar-se ou ir levando; o mundo, ao contrário, é um lugar do qual devemos nos apropriar e pelo qual devemos nos responsabilizar” (COLLINS, 2019, p. 456). Dessa maneira, o Melanina MC’s assume uma responsabilidade de mudança ao expor algumas das suas vivências de modo a criar uma relação na qual muitas outras mulheres negras e periféricas se identificam com as mensagens cantadas.

Por fim, concluo que, tendo em vista toda a história de silenciamento de mulheres através de manifestações de disciplina e controle, a capacidade de contar a própria história pode ser considerada uma vitória. Mas além disso, a possibilidade de comunicar ideais libertários de opressões naturalizadas e compartilhadas através de uma cultura marginal, porém patriarcal, é uma forma de resistir. Assim, através de suas músicas, as mulheres rappers promovem importância feminina, valorizando sua autoestima e confronto ao estereótipo de submissão, construindo novos limites simbólicos das identidades de gênero dentro do Hip Hop.

## REFERÊNCIAS

- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento: contribuições do feminismo negro. In: **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. [ed. orig. 1990] São Paulo: Boitempo, 2019.
- HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.
- LORDE, Audre. Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença. In: **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.
- MAYAYO, Patricia. **Histórias de Mujeres, Histórias del Arte**. Madrid. Ediciones Cátedra, 2007.
- RAYMOND, Claire. Pode haver uma estética feminista? **Comunicação e Sociedade**, vol. 32, 2017, pp. 31 – 44 doi: 10.17231/comsoc.32(2017).2749.
- RIBEIRO, Stephanie. Feminismo negro In: **Explosão Feminista**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2018.
- ROSE, T. "Um estilo que ninguém segura: política, estilo e a cidade pós-industrial no hip hop". Em M. HERSCHMANN, (Org.). **Abalando os anos 90: funk e hip-hop: globalização, violência e estilo cultural**. Rio de Janeiro: Rocco. São Paulo: Brasiliense, 1997.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. 6ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

### **Músicas**

Melanina MC's. **Sistema Feminino.** Vitória: Setor Proibido. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=hzUF0rLW9-E&list=OLAK5uy\\_k-4QWZ5QxcwCJUCSgrqh95pqcA3m7rjgg](https://www.youtube.com/watch?v=hzUF0rLW9-E&list=OLAK5uy_k-4QWZ5QxcwCJUCSgrqh95pqcA3m7rjgg). Acesso em 20 mai. 2021

*Submetido:* 30/05/2021

*Aceito:* 14/12/2021